

O AVESSE DO AVESSE DO “SR. PROGRESSO”: RINDO DAS CONTRADIÇÕES DA MODERNIDADE

Sandra Maret Scovenna*

A proposta deste texto é analisar algumas crônicas de Benedito Carneiro Bastos Barreto, o Belmonte (1896-1947), e sublinhar a marcante verve humorística presente nelas. As crônicas de sua autoria eram publicadas quase que diariamente no jornal *Folha da Noite* e ocupavam um lugar de destaque na página dois do jornal, bem ao lado do editorial. No ano de 1935, parte da produção literária dos dois anos anteriores foi selecionada, provavelmente pelo autor, e impressa em formato de livro pela Livraria José Olympio, uma das maiores editoras brasileiras na época. A posição de destaque da editora Livraria José Olympio durante a década de trinta é analisada por Antonio Candido, em sua obra intitulada *A Educação pela Noite – e outros ensaios*, editado pela Editora Ática em 1989 (pp. 192-193). Também Sérgio Miceli trata do assunto em seu *Intelectuais à Brasileira*. (Companhia das Letras, 2001, pp. 156-157).

Os escritos de Belmonte são, em sua grande maioria, voltados para o riso, e o livro publicado em 1935 recebeu o nome de *Idéas de João Ninguém*. Ele tem 59 crônicas, 2 contos e 11 ilustrações de sua própria autoria.

Esses escritos foram elaborados nos anos trinta, em um período de profunda crise política, social e econômica; as elites dos países capitalistas (centrais e periféricos) assistiam atônitas e desesperadas ao desmoronar de suas convicções e não sabiam o que fazer para impedir o caos. Suas diretrizes econômicas liberais pareciam (e eram) completamente ineficazes para debelar a crise, e as convicções que a orgulhosa burguesia européia ostentara no século XIX pareciam ter virado pó: a riqueza material e o fabuloso desenvolvimento científico e técnico não solidificaram o progresso, a razão e a paz, conforme se acreditou no passado; a carnificina da I Guerra Mundial revelou ao mundo “civilizado” o estado de barbárie nutrido por suas entranhas.

Antes de abordarmos o assunto central, resumidamente colocado acima, achamos pertinente informar, ainda que com brevidade, o percurso desse artista pouco conhecido

na atualidade. Belmonte nasceu na cidade de São Paulo. Foi jornalista, chargista, cronista e trabalhou para a imprensa paulistana de 1914 a 1947 (Revista *Alvorada* (1914), *Misselânea* e *Zig-Zag*, ambas de 1919). Ver também prefácio escrito por Paulo Duarte (In: *Belmonte Presente*. São Paulo, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia (DACH) Comissão de Artes Plásticas, 1978, p. 1).

Publicando inicialmente seus desenhos e escritos em revistas de tiragens mais ou menos modestas, Belmonte fez carreira nos periódicos da empresa Folha da Manhã S.A. De 1921 a 1925, ele colaborou com o jornal *Folha da Noite*. Dessa data até 1927, publicou seus trabalhos na *Folha da Manhã*, e de 1930 a 1947, contribuiu ininterruptamente com a *Folha da Noite*.

É possível olvidar Belmonte quando o assunto é história e imprensa? Não, a menos que se queira cometer uma injustiça. Belmonte foi excelente como chargista, caricaturista e cronista. Além do livro de crônicas *Idéas de João Ninguém*, o artista publicara outro, no ano de 1933, intitulado *Assim falou Juca Pato*. (São Paulo, Companhia Editora Nacional).

Também foram lançadas coletâneas de suas charges e caricaturas: *Angústias do Juca Pato* (São Paulo, Casa Editora Rochêa, 1926), *No Reino da Confusão* (São Paulo, Edição da Folha da Manhã, 1939), *Música, Maestro!* (São Paulo, Edição da Folha da Manhã, 1940), *A Guerra do Juca e Caricatura dos Tempos*, *A Guerra do Juca*. (São Paulo, Edição do Autor, 1941) e *Caricatura dos Tempos*. (São Paulo, Edições Melhoramentos, 1948).

Belmonte publicou ainda *No Tempo dos Bandeirantes* (São Paulo, Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal de São Paulo, 1939). Esse ensaio histórico revela-nos um detalhado, minucioso trabalho de pesquisa e uma grande sensibilidade na descrição do cotidiano dos moradores de São Paulo de outrora.

Em 1925, Belmonte criou, para a *Folha da Manhã*, aquele que lhe trouxe o reconhecimento público por parte dos seus contemporâneos: o *Juca Pato*, personagem constantemente presente em suas charges até 1947, ano de falecimento do artista. O Juca era magérrimo, de aspecto frágil, baixo e careca, “de tanto levar na cabeça”. O personagem morava em São Paulo e sofria com os desmandos e a incompetência dos governos estadual, federal e municipal; além do mais, ele vivia esgotado pela exploração dos grandes monopólios estrangeiros que dominavam os serviços públicos da sua cidade. Juca era marcadamente queixoso e mal-humorado, como se carregasse todo o ônus da sociedade brasileira em suas costas. Houve um amplo processo de popularização desse personagem amargurado e crítico,² pois os problemas do Juca eram reconhecidos por parte considerável das classes médias, principalmente pelas baixas classes médias.

Todavia, durante o Estado Novo, Juca Pato teve uma aparição menos assídua, consequência provável do receio de Belmonte em desagradar as temíveis forças de repressão da ditadura. De qualquer modo, ao desenhar ou escrever sobre o conflito mundial de 1939-1945, Belmonte elaborou saborosas alusões à restritiva situação política brasileira da época. Ver Marcos Silva: “A Guerra de Belmonte: humor gráfico e política no Brasil durante a segunda guerra mundial” In: COGGIOLA, Osvaldo [org.]. *Segunda Guerra Mundial: um balanço histórico*. São Paulo, Xamã/FFLCH-USP, 1995, pp. 337-348).

Profundamente antifascista desde pelo menos a ascensão de Adolf Hitler ao poder da Alemanha, em princípios de 1933, o artista paulistano alcançou fama internacional com a eclosão da Segunda Guerra Mundial. Mussolini, Hitler, Hiroito, Churchill, Roosevelt e Stalin tornaram-se, sob a pena de Belmonte, personagens tragicômicos de charges inesquecíveis. E elas circularam por parte considerável do mundo ocidental: Estados Unidos, Argentina, Colômbia, França e Portugal, além de outros países. Durante a guerra, revistas como *ABC* (Portugal), *Le Rire* (França), *Judge* (EUA) e *Caras y Caretas* (Argentina) reproduziram as charges de Belmonte, conforme se pode recuperar no *Dicionário de Autores Paulistas*, de Luís Correia de Melo (São Paulo, Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo - Serviço de Comemorações Culturais, 1954, p. 85).

Há ainda a história de que, no princípio de 1945, o Ministro da Propaganda da Alemanha Nazista, Joseph Goebbels, atacou em seus discursos o caricaturista pelo rádio, acusando-o de ser muito bem-pago pelos aliados. (Ibidem.).

Se, na atualidade, Belmonte tem seu trabalho de charges mais ou menos conhecido, como cronista ele está completamente olvidado, o que é estranho e injusto, pois seus escritos presenteiam o leitor com a fina inteligência e ironia do artista. As crônicas de Belmonte raramente desencadeiam o riso exagerado, o ato de gargalhar. Proporcionam o riso discreto, riso próprio de quem tem diante de si um desvelamento perspicaz do cotidiano.

Percebemos nessas crônicas um sentimento de profundo desconforto com a modernidade. Esta é apontada como uma promessa frustrada, uma farsa intrinsecamente violenta e não-controlável. Os homens estão à mercê dela, como se fossem bonecos inanimados. Nesse sentido, a concepção de Belmonte é diametralmente oposta àquela que pertencera à burguesia européia do século anterior. É, também, sensivelmente divergente da concepção adotada por grande parte da imprensa paulista liberal e burguesa da época, conforme apontam Maria Helena Capelato e Maria Ligia Prado em seu *O Bravo Matutino (Imprensa e ideologia no jornal “O Estado de São Paulo”)*. (São Paulo, Editora Alfa-Omega, 1980, pp. 92-100). Em os *Os Aautos do Liberalismo. Imprensa Paulista (1920-1945)* (São Paulo, Editora Brasiliense, 1989, pp. 19-25), Capelato aponta como esta burguesia encarava os avanços científicos e tecnológicos, além da impressionante abundância ma-

terial de poucos, de modo acrítico. A ausência de crítica à modernidade por parte dessa imprensa liberal e burguesa foi imensamente favorecida pela influência cultural das elites européias sobre o Brasil, sendo que grande parte dessa concepção era herdeira dos dois séculos anteriores: o culto ao liberalismo e aos avanços científicos e técnicos que trariam, segundo essa lógica, o progresso, a riqueza material e o conforto para a humanidade. Um único aspecto nesse mundo moderno, entretanto, perturbava essa mesma imprensa paulista liberal: a organização e a luta política dos proletários. Contra elas deveriam ser empregados todos os métodos conhecidos de dispersão, e o mais comum consistia no uso da força policial e da brutalidade.

Segundo Belmonte, as máquinas e técnicas que outrora foram promessas de melhoramento da humanidade tornavam-se agora algozes imperdoáveis. Conforme as lições tiradas da I Guerra Mundial, elas estavam muito mais direcionadas para o massacre do que para a cura. O final do século anterior produzira inventos maravilhosos, ainda que atordoantes: o telefone, o telégrafo, o automóvel, a luz elétrica e a imagem em movimento (o cinema); utilitários esses que, evidentemente, facilitaram a vida daqueles que puderam ter acesso a eles. Por outro lado, essa mesma modernidade revolucionou a guerra com as bombas despejadas por aviões. E ela criou ainda os tanques blindados, as metralhadoras e o gás venenoso. As mortes nos conflitos bélicos nunca mais foram contabilizadas como outrora, aos milhares, mas sim aos milhões. Nesse sentido, a I Guerra Mundial foi o marco do belicismo moderno, não apenas devido ao genocídio que desencadeou, mas principalmente porque alvejou a população civil. As guerras do século XX evidenciaram que não se tratavam mais de uma luta entre exércitos profissionais, mas entre nações. Portanto, o número de envolvidos passou a ser infinitamente maior.

Belmonte, um homem que viveu à época da I Guerra Mundial e conheceu-a detalhadamente pela leitura da imprensa, captou, atônito, a capacidade destrutiva da tecnologia empregada. Percebeu, também, a indubitável ameaça que a humanidade sofria pelo fato de essas armas pertencerem aos exércitos de Estados imperialistas sedentos de territórios e bens. Logo, nas crônicas de Belmonte, a tecnologia disseminada empurrava os homens para a despersonalização, a coisificação e a morte. Vejamos essa crônica publicada no livro *Idéas de João Ninguém*:

Admitto[sic], para argumentar, que a guerra fosse uma coisa mito interessante, há trinta ou quarenta annos[sic] atrás (...). Lutar peito a peito, de homem para homem, em combates francos e leaes[sic], era alguma coisa que chegava ás raias da epopéa[sic]. Era dramático, mas era bello[sic]. Hoje, porém, não há nada disso. A guerra que se desencadeiar agora não virá aureolada de belleza[sic], nem se caracterizará pelo heroísmo. Os homens, que deveriam enfrentar-se como leões, agirão, prosaicamente, como tatus, enfiados em buracos, num pavor soberano. Não será, uma luta de Homens, com

H maiúsculo, mas um morticínio de minhocas. Haverá, porventura, grandiosidade e heroísmo numa coisa dessas?

Porque a verdade é que ninguém escapará á chacina. Constantemente, os jornaes [sic] europeus se referem aos últimos gazes creados pela chimica[sic], a serviço da guerra, dando detalhes impressionantes sobre os gazes mais pesados que o ar, gazes que descerão ao fundo das trincheiras, das galerias e dos porões, para liquidar as minhocas inimigas. E, além de dos gazes, raios ultra-violetas, raios da morte, raios negros, raios que o partam... E granadas bacteriológicas, que entrarão em scena à ultima hora... E torpedos imantados... E vapores nitrosos, nuvens de phosgeno..[sic]. O sujeito que se metter[sic] nessa tragedia estará literalmente frito. Póde ser patriota, póde ser valente – essa valentia e esse heroísmo não lhe servirão para coisa nenhuma. Diante de uma nuvem de gaz[sic] que avança á flor do solo, firme e implacável, elle não terá outro recurso senão enfiar-se pela terra a dentro, com mascara e tudo, como um tatú. Sob uma nuvem de cem, quinhentos ou mil aeroplanos que despejam bombas, vá o tal sujeito praticar heroísmos! Elle, instinctivamente, appellará[sic] para a sabedoria das formigas.

Um publicista inglez[sic], escrevendo para um jornal de Londres, a propósito da ‘proxima’ guerra, afirmou que ella será tão terrível, tão exterminadora, tão definitiva, que o ‘vencedor, exausto, cahirá[sic] morto sobre o vencido agonizante’.

Para quem anda com idéas[sic] de suicídio, isso tudo é muito interessante... (BELMONTE. A ‘proxima’ guerra. In: Idéas de João Ninguém. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1935, pp. 46-47).

Entrecortado por um tom aparentemente melancólico, esse fragmento transcrito evidencia o destino patético da humanidade, encurralada por máquinas terríveis que ela mesma criou e fabricou. Observamos que os homens matam, correm, rastejam e se escondem tentando desesperadamente conservar a vida, igualando-se instinctivamente aos animais. Os soldados da crônica de Belmonte não demonstram lampejo algum de inteligência. A tecnologia infernal arrancou-lhes toda individualidade, todas as qualidades ou ousadias; são números, fazem parte das estatísticas. Eles sequer têm nomes na crônica; são simplesmente “homens” e “sujeito”. Sem nomes ou individualidades, eles se colocam em patamar de igualdade com os milhões que existem da sua espécie, mas no pior sentido possível: compõem uma massa de despersonalizados.

Os avanços científicos e tecnológicos, criações diletas da razão, foram mostrados pelo seu avesso: no lugar de oferecerem conforto ao homem, impuseram-lhe a morte, a destruição e o caos. Conforme sugere o último parágrafo transcrito: acompanhado do seu maquinário infernal, o homem tem, pela primeira vez na história, a possibilidade de eliminar toda a sua espécie.

Observa-se que a concepção de Belmonte sobre a história humana está longe de ser linear. O homem (pelo menos o do século XX) não caminha em direção ao progresso. Pelo contrário, na crônica, ele é desclassificado mais de uma vez. Primeiramente, ele cai metaforicamente do nível do leão ao nível do tatu, e também é comparado a minhocas e

formigas. Belmonte praticamente virou a espécie humana do avesso, representou-a pelo seu oposto: de criaturas que têm a capacidade de dominar certas forças da natureza a criaturinhas insignificantes e quase invisíveis.

A exposição do avesso ou do contrário é apenas uma das estratégias cômicas que Belmonte usa para desencadear o riso no seu leitor. O emprego do absurdo (ou a quebra da lógica) é usado costumeiramente para o mesmo fim. No último parágrafo, por exemplo, vemos uma frase carregada de uma praticidade completamente nonsense: “Para quem anda com idéas de suicídio, isso tudo é muito interessante...”. Ora, quem imaginaria uma ocasião aproveitável para alguém no meio desses horrores? Aprendemos culturalmente a aproveitar-nos de situações que podem ser satisfatórias ou interessantes para a nossa vida, mas jamais para planejar a nossa própria morte. A crônica “A culpa do ‘chômage’”, publicada em outubro de 1933, salienta notadamente a condição de coisificação dos desempregados em uma sociedade superpopulosa e em grave crise econômica e social:

O que, porém, apesar de antigo, tem sempre um cunho de indiscutível actualidade, é o ‘chômage’ europeu que só poderá encontrar uma solução na guerra que se prepara. Dizem os entendidos em assumptos sociaes que as guerras se fazem para dar trabalho aos desempregados, mandando para o outro mundo os excedentes. Assim como se resolvem os problemas creados pela super-produção agrícola, atirando o excesso ao mar ou ao fogo, podem-se resolver os problemas creados pela super-produção humana, atirando os excedentes ao fogo das batalhas e á valla-commum das trincheiras.

A crônica “Morrer por Morrer...”, publicada na coletânea de 1935 e impressa na Folha da Noite em dezembro de 1933 é bastante interessante. Nela vemos todo o brilho das ironias elaboradas por Belmonte:

E o peor é que, dessa próxima guerra ninguém escapará, porque as gigantescas esquadras de aviação vão se encarregar de levar essas bombas a toda parte, na vanguarda, na retaguarda, nos campos de cultura, nas cidades, dentro das casas, no fundo dos porões... Como disse um chronista francez, “a aviação supprimirá as frentes de guerra e colocará toda a nação em linha de fogo”.

E para que se tenha uma idéa mais exacta do que vae[sic] ser essa luta medonha, basta dizer que ella não será uma guerra. Isso de guerra é velharia. A do futuro vae se chamar, segundo nos assevera um jornalista inglez, “um duello electro-aero-chimico[sic].”

Não é bonito? “Duello electro-aero-chimico![sic]”

Exactamente como aquelle [sic] sujeito que estava agonizando no leito, mas que ficou mais alliviado quando soube que ia morrer de uma ‘pneumo-thorax captalíptica[sic] (porque seria uma vergonha morrer de indigestão ou de nó na tripa), nós também podemos ficar tranquillos e satisfeitos porque iremos morrer num duello electro-aero-chimico!

Já é um consolo...

O escritor discorre sobre as máquinas bélicas modernas, salientando o seu poder de destruição. Novamente, os avanços científicos e tecnológicos são mostrados pelo seu avesso, pelo seu contrário.

Belmonte faz referência também ao desejo coletivo de mudança, próprio das sociedades modernas, quando afirma enfaticamente “isso de guerra é velharia”. Na época, a ânsia por novidades era tão grande que a São Paulo dos anos vinte estava repleta de publicidades que exaltavam os seus produtos com o emprego dos adjetivos “moderno”, “super-moderno”, “ultramoderno” e “revolucionário”, conforme aponta Nicolau Sevcenko em seu *Orfeu Extático na Metrópole. São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20* (São Paulo, Companhia das Letras, 2003, p. 229). Mas, ao mesmo tempo, o artista evidencia o quanto esse encantamento pelo novo pode ser acrítico: em tom de galhofa, Belmonte garante que todos podem se sentir “tranqüilos”, pois vão padecer de doenças ou morrer em conflitos bélicos que possuem nomes que invocam tecnologias ultramodernas; logo, ostentam uma aparente modernidade. Embrulhada em um invólucro de modernidade, a crônica sugere-nos que a morte pode parecer menos dolorosa, o que é compreendido pelo leitor, concomitantemente, como uma sugestão absurda.

E, ao mesmo tempo em que o autor chama atenção para essa premente necessidade de novidades, ele desvela outro aspecto do mundo moderno: o que há pouco era interessante e jovial, um instante depois não significará mais nada. Eis os aspectos essenciais das sociedades modernas: a volatilidade e a absoluta instabilidade. (Ver Marshall Berman. *Tudo que é Sólido Desmancha no Ar: a aventura da modernidade*. São Paulo, Companhia das Letras, 1986, pp. 13-35 passim).

Devemos atentar para a presença marcante de *ironias* na escrita de Belmonte, grande elaborador desses recursos lingüísticos da comicidade. Quando Belmonte pergunta ao leitor: “Não é bonito? ‘Duello electro-aero-chimico!’”, tendo como ponto de partida a descrição da terrível destruição proporcionada por aviões que despejam bombas de alto poder de aniquilação, podemos interpretar essa frase do seguinte modo: “não é horrível?! ‘Duello electro-aero-chimico!’ Vejam a incrível capacidade de arrasamento que humanidade desenvolveu!”. Eis o emprego da ironia oferecendo como interpretação o oposto do que foi escrito.

Em outro parágrafo, Belmonte faz novamente uso de sua ironia ferina ao afirmar que “nós também podemos ficar tranquilos e satisfeitos porque iremos morrer num duello electro-aero-chimico!”. Ora, é ridículo e terrível sugerir ao leitor tranqüilidade e satisfação após o detalhamento da ação de bombas terríveis que serão jogadas por aeroplanos presentes em todos os pontos do país. Novamente, temos uma ironia sugerindo o contrário do que foi afirmado.

Teóricos do humor como Sigmund Freud, Mikhail Bakhtin e Vladimir Propp salientam que a ironia prima pelo significado oposto do que é colocado. Vladimir Propp e Mikhail Bakhtin acrescentam que a ironia consiste no seguinte: em palavras, coloca-se algo positivo sobre algo ou alguém, pretendendo, ao contrário, expressar algo negativo, o avesso do que foi dito. (De Vladimir Propp, a *Comicidade e Riso*. (São Paulo, Ática, 1992, p. 125), de Sigmund Freud, o *Os Chistes e a sua relação com o Inconsciente* (1905) - (volume VIII. Rio de Janeiro, Imago, 1977, pp. 92 e p. 198-199) e de Mikhail Bakhtin, em *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento. O Contexto de François Rabelais* (São Paulo/Brasília, Edunb/Hucitec, 1996, pp. 138-139)).

Com a ironia, temos, portanto, um recurso cômico que já nos parece bastante familiar: a evidência do oposto, que conduz a compreensão do ouvinte ao desmascaramento de defeitos ou vícios. Entretanto, o sucesso do emprego da ironia depende, em larga medida, não apenas daquele que a elabora, mas também do preparo do leitor para identificá-la e decifrá-la.

Analisemos mais esse fragmento da crônica de Belmonte. Ele expõe uma técnica recorrente do cômico para o desencadeamento do riso:

O chloro, base de quasi todos os gazes asphyxiantes, é producto[sic] indispensável ás necessidades pacíficas da humanidade. Difficilimo, portanto, extinguir-lhe o commercio. O phosgeno e o oxiclورو[sic] são indispensáveis á industria de tintas e aos productos pharmaceuticos...[sic]mas é com elles, também, que se fazem bombas terríveis. De modo que, não havendo possibilidade de eliminar o commercio dessas drogas, ellas continuarão a servir para fabricarem remédios, tintas para pintar paisagem e bombas para mandar a gente para o outro mundo

Nesse instigante fragmento, o artista expressa toda a contradição engendrada pela modernidade; o mesmo desenvolvimento da química que possibilita a cura de doenças e a preservação de inúmeras vidas pode ao mesmo tempo ser aplicado na produção de bombas com alta capacidade destrutiva.

Conforme Freud, em obra já citada, às pp. 149-150, vemos nas últimas duas linhas que o que permite o riso é uma espécie de *ruptura do determinismo*, que não é muito diverso da (já vista) *quebra do sentido lógico*. Primeiro, o artista faz uma relação do emprego do cloro para usos benéficos às pessoas. Repentinamente, ele afirma que o produto serve também para o preparo de bombas. Como essa colocação está fora de lugar e é inesperada, o rir torna-se inevitável.

Não podemos interpretar essa atitude de restrição ao moderno por parte de Belmonte apenas como saudosismo ou conservadorismo. Ela se configura como a manifestação da angústia e instabilidade das camadas médias urbanas (do homem comum dos anos 30), premidas pela maior crise econômica da história do capitalismo e que, concomitantemen-

te, assistia a crises políticas sem precedentes. Para as finanças dos homens comuns, as conseqüências do *crash* de 1929 foram terríveis; eles tinham a impressão de que o mundo estava à beira de um abismo, conforme salienta Eris Hobsbawm em *A Era dos Extremos* (São Paulo, Companhia das Letras, 1994, pp. 91-92). No caso do Brasil, país periférico do capitalismo, a crise econômica não foi tão rigorosa, mas, mesmo assim, os populares sofriam com a carestia e com o crescimento do desemprego. E os anos de 1933-1934 foram problemáticos para o país. Devido à política de defesa permanente do café, a crise de 1929 surpreendera a produção do grão bastante expandida e com o investimento em novas plantações. Portanto, a maior safra cafeeira do Brasil de todos os tempos foi a de 1933-34 - conseqüência das plantações de 1928 -, anos críticos da depressão econômica (ver Celso Furtado. *Formação Econômica do Brasil*. São Paulo, Companhia Editora Nacional/Publifolha, 2000, especialmente caps. XXX e XXI, p. 191-216).

As relações internacionais também estavam profundamente tensas e instáveis. Havia a sanha imperialista de países como o Japão, que invadiu e anexou a Manchúria, e a da Alemanha, que rompeu com a Sociedade das Nações e desafiava o Tratado de Versalhes. Ainda que à época do término da I Guerra Mundial os dirigentes políticos europeus (e os jornalistas) afirmassem que aquela havia sido a última guerra, já no princípio dos anos 30 os jornais referiam-se constantemente à possibilidade real da eclosão de um novo conflito bélico de grandes proporções.

Portanto, a restrição de Belmonte ante a modernidade diz respeito à perplexidade de um homem comum (um “João Ninguém”) que observava as “estripulias” econômicas, sociais e políticas de um mundo incompreensível. Quanto ao belicismo, o estado (e a cidade) de São Paulo sentira seus dissabores em 1932. Por causa do número insuficiente de homens, armamentos e víveres, os paulistas foram derrotados na chamada “Revolução Constitucionalista”, tiveram que abandonar parte de seus ideais e firmar um acordo com o governo provisório³. Durante esse conflito, os paulistas conheceram “ao vivo” o moderno processo de luta: aeroplanos de guerra, metralhadoras e bombas.

Para os prepotentes e orgulhosos paulistas que apoiaram a luta de 1932, provindos em grande parte das oligarquias e das camadas médias da população, ter de abandonar seus ideais devido à ausência de armamentos adequados foi extremamente frustrante. Belmonte participara da Revolução Constitucionalista elaborando propagandas ilustradas para levantar a moral dos soldados paulistas. Os derrotados sentiram-se injustiçados e traídos, pois consideravam seu ideal (a luta pela constituição) nobre e belíssimo, mas foram derrotados pela insuficiência material. Portanto, eis em parte a razão pela qual Belmonte, em *Os profiteurs*, à p. 53, fustigava a tecnologia bélica – além, é óbvio, da questão humanitária:

O que acontece é que essas illustres[sic] entidades [as indústrias de armamentos] tratam de negociar suas armas com quem lhes oferece[sic] melhores garantias. É um direito que lhes assiste, porque cada um se defende como pode. Tanto que, quando São Paulo desencadeou a Revolução de 1932, teve que brigar com pica-paus e cabos de vassoura, porque as fábricas de armamentos viram logo que era mais garantido negociar com a ditadura[sic]. E foi esse, em verdade, o melhor negocio que as usinas bellicas[sic] norte-americanas realizaram depois da guerra européa[sic].

Está claro que não sou eu quem o afirma[sic]. É um jornal yankee, 'The New Republic' de Nova York.

Para Belmonte, apenas Estados imperialistas tinham o capital necessário para comprar armamento das milionárias indústrias bélicas. Logo, ainda que em suas crônicas Belmonte não acusasse o governo provisório de ser imperialista, ele apontava as semelhanças indubitáveis entre o governo brasileiro “revolucionário”, que subiu ao poder em 1930 – o qual Belmonte denominava “dictadura” –, e os governos imperialistas da Alemanha e do Japão: censura à imprensa, autoritarismo, centralização, valorização progressiva do Exército e o objetivo de abafar o individualismo, sendo que esta última medida, para Belmonte, constituía-se no maior erro. Homem formado pelo liberalismo e autodenominado um conservador, ele não aceitava ataques ao individualismo, pois temia que a maior parte da humanidade se transformasse nos soldados despersonalizados e coisificados de suas crônicas. Atente-se que a expressão “conservador”, na década de 1930, não significava desprestigiá-lo. Ao contrário, esta palavra estava relacionada com ponderação e cautela. Ser conservador era cerrar fileiras ao lado da democracia liberal, conforme informa Maria Helena Capelato e Maria Ligia Prado, em sua obra já citada, à p. 105.

Usando a crítica contra a modernidade para atingir indiretamente o governo autoritário de Getúlio Vargas, do qual o autor discordava, suas crônicas constituem-se em um material riquíssimo para o historiador. Virando a modernidade do avesso, as crônicas propõem uma crítica da modernização conservadora, que, em lugar de proporcionar a felicidade aos homens, almeja o lucro desmesurado e nada mais. Nesse sentido, o tema da escrita de Belmonte permanece profundamente atual.

Recebido em Março/2008; aprovado em Maio/2008.

Notas

* Mestranda em História Social pela FFLCH/USP, sob a orientação do Professor Marcos Silva. Sua pesquisa de mestrado está direcionada para a análise das crônicas humorísticas de Belmonte, com o título provisório *Nas Entrelinhas do Riso: uma análise das crônicas humorísticas de Belmonte* (livro *Idéas de João Ninguém, 1933-1935*). E-mail: sandramarena@yahoo.com.br

² Entre as décadas de 20 e 40, o Juca deu nome a marcas de cigarro, refrescos, bares e restaurantes. Ver Andréa de Araújo Nogueira. *Um Juca na Cidade: representatividade do personagem criado por Belmonte na imprensa paulista (Folha da Manhã 1925-1927)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista. São Paulo, digitado, 1999, pp. 62-70 passim.

³ Para maiores informações sobre esse período da História, ver BORGES, Vavy Pacheco. *Getúlio Vargas e a Oligarquia Paulista: história de uma esperança e muitos desenganos*. São Paulo, Brasiliense, 1979. Da mesma autora, *Memória Paulista*. São Paulo, EDUSP, 1997. Ver ainda CAPELATO, Maria Helena. *O Movimento de 1932: a causa paulista*. São Paulo, Brasiliense, 1981. Ver LOVE, Joseph. *São Paulo na Federação Brasileira (1889-1937)*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982, e BEZERRA, Holien Gonçalves. *O Jogo do Poder: revolução paulista de 32*. São Paulo, Moderna, 1989.